

4/ Em artigo anterior (Folha 18-10-81) já fiz menção das áreas indígenas que serão afetadas direta ou indiretamente pelo Programa Grande Carajás - Espero, num futuro próximo, com uma volta ao campo e acesso direto a toda uma série de informações sobre o desenvolvimento dos diferentes projetos na área poder avaliar em base mais seguras as transformações que ocorrerão na região e de como afetarão as numerosas comunidades indígenas da região.

Por enquanto, trata-se de resumir o que vem acontecendo em uma única reserva, a dos Kajapó-Xikrin do Cateté, uma das 3 áreas a ser diretamente atingida pelo Projeto Ferro Carajás, em fase adiantada de implantação -

Como todas as comunidades indígenas do Pará atingidas pelo Projeto, os Kajapó-Xikrin são uma comunidade com identidade própria, o que se caracteriza pela posse de um território tradicional comum, língua, organizações econômica, social e política também próprias -

Neste sentido são de maneira inequívoca diferenciados do resto da população regional - assim como dos novos ocupantes da região -

X Após a pacificação em 1952 o grupo sofreu um grande abalo demográfico que reduziu a comunidade de 300 a 92 indivíduos em 1966 -

Circunstâncias favoráveis e isolamento parcial permitiu que o grupo sobrevivesse e se recuperasse demograficamente sendo que hoje conta com mais de 250 indivíduos -

↙ Em Janeiro de 1978 a Reserva dos Xikrin do Cateté estava demarcada com uma superfície de 408.000 ha -

2/ A área tradicional se estende entre a Serra dos Carajás e a Serra da Seringa, ou melhor é limitada pelo rio Aquiri (tributário do Rio Itacaiunas) ao norte e, teoricamente, as cabeceiras do Rio ~~Uapacá~~^{Cateté} e Itacaiunas ao sul. A leste o limite é o Rio Itacaiunas e a Oeste o rio Cateté.

Os grupos *kasapó* do Brasil Central que viviam tradicionalmente de caça, pesca, ^{coleta} agricultura ocuparam grandes faixas de terra, com aldeias e extensas áreas de perambulação percorridas em certas épocas do ano a procura da grande diversidade de recursos oferecidos pelo meio ambiente.

Atualmente os *Xikrin* conseguiram duas coisas: a recuperação demográfica e a sobrevivência segundo os moldes tradicionais mas adaptando-se a um território demarcado e hoje cercado por todos os lados. Neste sentido entenderam a sua nova situação de dependência e sua inexorável inserção num contexto humano maior que precisará entender para sobreviver.

Rapidamente, e sem muita pressão, passaram a uma vida muito mais sedentária, desenvolvendo as atividades de agricultura e pesca. Também comercializam a castanha-do-Pará para poder comprar bens de consumo, hoje tão necessários quanto os produtos e artefatos tradicionais.

Alguns itens, como medicamentos, barcos para o escoamento da castanha, motor de centro, gasolina, espingardas e cartuchos, devido ao seu alto custo, devem ser fornecidos pela FUNAI

3) ou outras entidades - Os índios entendem, por enquanto, que estas coisas lhes são dadas em troca de ter cedido extensas áreas de terras aos brancos -

Por outro lado, se a meta da FUNAI é promover comunidades auto-suficientes, pode-se dizer que os Xikrin, por iniciativa própria e pelo equilíbrio entre as atividades de agricultura, caça e comercialização da castanha estavam conseguindo viver razoavelmente bem sem grande onus para o Brasil Atual -

Porém, apesar da demarcação das terras, desde 1978 o Território Xikrin vem sofrendo invasões contínuas que estão rapidamente desmembrando o território e criando uma série de desentendimentos no seio da própria comunidade -

① A primeira agressão foi uma imposição do Ministério do Interior que declarava como limite sul da ~~terras~~ reserva a BR 279 e não mais a região das cabeceiras dos rios Cateté e Itacaiunas -

Com isso houve entradas desordenadas por parte de posseiros, fazendeiros, projetos de colonização na área limítrofe da reserva. Em seguida verificou-se a poluição e contaminação das águas dos rios -

A seguir instalou-se em plena reserva uma grande fazenda com serraria, a Gran Peata, iniciando a retirada de grande quantidade de madeira - Segundo um levantamento feito pelo IBDF, em julho de 1981, 30 mil árvores já tinham sido derrubadas em territórios indígenas, significando uma perda mínima de

4/ 60 mil metros cúbicos - Em junho de 1981 a FINE autorizou a entrada de 500 cabeças de gado no interior da reserva depois que o fazendeiro apelou ao Ministério da agricultura pedindo a interferência junto ao Miniter e a Fundação - A permanência, porém, seria de um ano, após o que o gado teria de sair do local - Durante esse período o fazendeiro pagaria 30.000 Cruzeiros mensais ao Xikri - A Comissão Pró-Índio de São Paulo protestou contra o arrendamento - Passado um ano o fazendeiro Landelino Hanemann não parece disposto a sair, abriu 4.000 ha. de pastagens, construiu uma pista de posse e uma estrada de 28 km até a aldeia, oficialmente chamada "Estrada dos Nadeiveiros" em mapa de posse da FINE - processo 3577/81 fls. 89 -

Nesta computação foi bastante complicada a implantação do Projeto Carajás deve ser considerado sob vários aspectos - Uns, foi a primeira vista negativos: novos e contínuos desmatamentos - Implantação de novos núcleos urbanos com grande aumento populacional na região e consequentes pressões demográficas sobre as áreas preservadas tais como as reservas indígenas - Entrada de novos garimpos em uma área reconhecidamente aurífera - Novos e sucessivos pedidos de autorizações de pesquisa mineralógica nas reservas indígenas - Na fase de lavra, extração e processamento de certos minérios com a consequente poluição atmosférica e aquática -

↳ O aspecto positivo é o fato do Programa Carajás, pela inusitada grandiosidade, ter finalmente alertado e tirado da inércia letárgica os diferentes setores da sociedade civil que até se mobilizam, em todos os níveis, para avaliar o Projeto em seus múltiplos desdobramentos.

Esta nova consciência de que potencialmente as vítimas não se limitariam a uma dezena de comunidades autóctones de origem pré-colombiana, levará sem dúvida a não considerar o problema indígena como questão marginal, ~~que deveria ser deixada~~ ^{relegada} às cicadas exclusivas da FINAI - mas pelo contrário, se destaca como questão que deve ser debatida publicamente dentro ^{do contexto} e como parte integrante das discussões mais gerais sobre o ^{desenvolvimento do} Projeto Carajás.

